

Imigrantes (in)visíveis? Memória, representação e identidade de haitianos, ganeses e senegaleses em Caxias do Sul – RS entre 2010 e 2014

ASSIS FELIPE MENIN*

O tema abordado neste artigo é a memória, a identidade e a religiosidade de haitianos, senegaleses e ganeses em Caxias do Sul-RS, a partir das suas narrativas. Para isso, utiliza-se a metodologia da fonte oral e de outras fontes, mais especificamente os jornais da cidade, principalmente o “Correio Riograndense”¹ e o “Pioneiro”, e também as narrativas da Igreja Católica e da população no período que vai do início da imigração, ou seja, 2010, até o ano de 2014. O período escolhido para esta análise se deve ao momento em que esses três grupos começam a chegar ao estado gaúcho e, mais precisamente, à cidade de Caxias do Sul.

Fazendo um recorte historiográfico das imigrações na cidade de Caxias do Sul, há mais de 140 anos a cidade, na época Campo dos Bugres, recebia, para a alegria do Império e dos que almejavam o embranquecimento² da população, imigrantes italianos, católicos, brancos — o ideal naquele momento para o crescimento do Brasil e da proteção de suas divisas nacionais. A chegada desses novos grupos a Caxias do Sul representa ao mesmo tempo uma ameaça à etnicidade dos mais conservadores e, por outro lado, uma demanda de mão de obra imigrante. Segundo Fanon: “há uma procura pelo negro, o negro é uma demanda, não se pode passar sem ele, ele é necessário, mas só depois de tornar-se palatável de uma determinada maneira” (FANON, 2008: 151).

Decorrido quase um século e meio da chegada dos imigrantes italianos, chegam à procura de emprego e melhores condições de vida haitianos, senegaleses e ganeses. E por que estudar estes grupos na cidade de Caxias do Sul? Primeiro, pela sua forte preservação e sentimento de pertencimento étnico dos novos imigrantes e dos “estabelecidos”, os descendentes de italianos; segundo, por questões religiosas; terceiro, por questões econômicas.

* Mestrando em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Vinculado ao Laboratório de Relações de Gênero e Família e ao Observatório das Migrações de Santa Catarina. Bolsista PROMOP.

¹ Este jornal é de ordem religiosa, de linha tradicional e conservadora; tem a característica de elevar a cultura italiana e seus assinantes são, na maioria, descendentes de italianos do estado gaúcho. Os responsáveis pelo jornal são os capuchinhos de Caxias do Sul.

² O desejo do Império brasileiro era que, com a chegada dos europeus, houvesse uma miscigenação e os fortes traços africanos fossem amenizados (SEYFERTH, 1999).

A grande maioria dos imigrantes italianos originava-se da região norte daquele país e era católica (AZZI, 2008: 93); logo, a religiosidade predominante do povo caxiense é o catolicismo e o sentimento de italianidade está presente no cotidiano e na sociabilidade de seus habitantes.

Diante dessas informações, o que me levou a trabalhar com imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses, bem como com a religiosidade desses imigrantes e a interferência da Igreja Católica na sua recepção, é a necessidade de entender os fluxos migratórios contemporâneos, num contexto de globalização, e, a partir da memória e das histórias de vida dos sujeitos que vivem esse processo, permitir a escrita de uma história que, por ser recente, ainda não está sendo objeto de estudo por parte dos historiadores. Esta pesquisa, em andamento, faz ainda uma investigação a respeito dos imigrantes e das representações que são elaboradas pela imprensa escrita.

Objetivos

O artigo não pretende responder exaustivamente a todas as perguntas abaixo, mas, a partir delas discutir e apresentar as possibilidades de se trabalhar com estudos imigratórios a partir das fontes impressas e orais:

- 1) Como trabalhar com memórias de antigos e novos imigrantes?
- 2) Há uma ameaça à identidade “italiana” com a chegada desses grupos a uma cidade colonizada por italianos?
- 3) Qual é a representação feita em jornais impressos sobre os recentes imigrantes na cidade?

Memória e identidade étnica de “velhos” e “novos” imigrantes

Há, nas narrativas literárias, na mídia e na própria cultura da cidade, uma visão do imigrante europeu como desbravador, um sentimento de pertencimento étnico, que atribui a si e aos familiares uma série de símbolos, imaginários que representam, em suas memórias, as experiências partilhadas de geração em geração. Seria uma identidade construída na infância, uma memória depositária, ou seja, que é construída a partir da experiência do indivíduo. As repassadoras dessas heranças são as mães, que possuem herança étnica, tradições, costumes e dialetos e são responsáveis, nas sociedades patriarcais, por passar adiante a herança familiar.

A distinção entre os imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses não ocorre para o descendente dos imigrantes italianos, para o qual esse homem negro é de origem africana, e, assim, ele se torna um indivíduo fragmentado, descentrado ainda mais nessa busca por reconhecimento e identidade — o imigrante se torna “híbrido”, nos termos do hibridismo cultural (HALL, 2003; BHABHA, 1998). Em uma sociedade, o alienamento e a alteridade das memórias coletivas ocorrem em diferentes indivíduos, classe, gênero, enfim, entre grupos sociais distintos.

Assim, mesmo que esses imigrantes senegaleses, ganeses e haitianos tenham partido para outros lugares e ambientes, suas lembranças da infância continuam e seguem com eles, o que faz com que o indivíduo leve consigo o sentimento de pertença àquele círculo da família, da comunidade, dos amigos e da própria igreja.³ A memória nacional é, no dizer de Halbwachs (1990), uma memória histórica, ou seja, com a qual o indivíduo ou determinado grupo se identifica. Mas, mais do que isso, somente se faz uso de uma memória a partir do momento em que se fez uso dela no passado e no caso em que, por algum motivo, o indivíduo conviva com essa memória no presente, a qual fez e ainda faz parte da construção de sua identidade. Por ser uma relação sempre rememorada, ela nunca é finda. A memória é identidade, conforme aponta Le Goff (1996: 477): “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre da angústia”.

A memória do pioneiro italiano, a exaltação por meio de suas representações, ajudou a construir um indivíduo que, mesmo inserido na comunidade nacional brasileira, se sente e se autodenomina “italiano”. Ele se percebe de uma visão, a partir dele e dos outros, visão esta que é responsável por construir e definir um outro; conseqüentemente, ao dividir, referenciar o outro, acaba por qualificar suas identidades e seus pertencimentos e, automaticamente, a desqualificar o outro que, certamente, não terá essa identidade. Portanto, a identidade é vista como diferença imposta àquele que não faz parte de *nosso* grupo, de *nossa* coletividade e, conseqüentemente, não faz parte da identidade do indivíduo. Por isso, é possível afirmar que a memória e a identidade desses imigrantes recentes, mesmo que praticada implicitamente, é uma maneira estruturante de manter a identidade deles, mesmo que essa identidade agregue, posteriormente, novas identidades, sejam religiosas, culturais ou ainda sociais do país em que estão e dos meios como estão convivendo.

³ No caso dos senegaleses, a religião islâmica é praticada na comunidade de Caxias do Sul.

Canclini (1997) define essas identidades múltiplas como “culturas híbridas”, ou seja, há um momento em que essas questões étnicas e religiosas se contrapõem com a questão da identidade. A identidade não é dada — se é sul-americano, se é homem/mulher, se é haitiano ou senegalês — e, mesmo que essas identidades representem aceitação, dominação ou poder nas instituições em que atuam, elas contribuem para uma visão de representatividade do imigrante no Brasil, e para a forma como eles são vistos neste país, ou ainda em Caxias do Sul.

Qual a representação de haitianos, senegaleses e ganeses nas mídias? Segundo Chartier (1991: 112), “Numa formação como esta, a construção da identidade de cada indivíduo situa-se sempre no cruzamento da representação que ela dá a si mesmo e da credibilidade atribuída ou recusada pelos outros a essa representação”. Chartier, em seu estudo sobre representações, define duas formas de os indivíduos construírem suas identidades sociais. A primeira é “sempre a relação de força entre representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear a definição de resistência, que cada indivíduo impõe para si mesmo” (CHARTIER, 1991).

A partir da visão que eles, como imigrantes, possuem de si no mundo, a “readoção do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo [suscita a] sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade” (CHARTIER, 1991). Ao migrar, o imigrante, além de se sentir deslocado, precisa se posicionar e reagir diante do desconhecido e reconstruir sua identidade, nas diferenças e semelhanças com outros imigrantes — é neste jogo de sobrevivência que o imigrante se percebe diante das diferenças e elabora as suas representações de si. Ao trabalhar com memória, o historiador deverá sempre estar atento às representações que são feitas a partir da memória e da relação que dela se faz com o passado. Ao trabalhar com a representação e a reconstrução de identidades, deve-se pensar a diferença entre história e memória. Segundo Nora (1993: 267), “A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão consiste em destruí-la e recalá-la. A história é a deslegitimação do passado vivido.”

É preciso desconfiar da memória — ou, ainda, o termo que mais agrada, dito por Traverso (2007), colocá-la à distância. Ao narrá-la, o historiador atentar-se-á para a construção de sua escrita; mesmo que ela seja uma história comovedora, ele tentará evitar cair na armadilha; se cair, entrará no conceito de historiador *voyeur*, deixando-se levar pelas sensibilidades e histórias “grandiosas”, heroificando aqueles que tanto estudamos. O historiador, ao trabalhar com memórias e fonte oral, corre o risco de se deixar levar pela emoção da narrativa e não

contemplar os fatos históricos como de fato ocorreram, por isso a importância do “cruzamento de fontes” com outros aportes que contribuíram significativamente para o estudo, como arquivos em paróquias, fontes iconográficas, fotografias de imigrantes em seus países — estes elos entre escritos, memórias e iconografia poderão corromper e modificar o original. Ferreira (2002: 112) alerta o historiador sobre isso:

Nesse contexto de pressão das memórias sobre sua prática profissional os historiadores são questionados para redefinir sua responsabilidade ante uma demanda de fidelidade memorial. Rousso, aprofundando esse debate, problematiza a sacralização da memória, chama a atenção para a função crítica da história e a necessidade de distanciamento, o que permite aos historiadores serem menos dependentes dos objetivos políticos, comunitários e identitários que se escondem por detrás da memória. Ainda segundo Rousso, não se pode escrever uma história científica quando se quer, ao mesmo tempo, conservar seu valor edificante e preservá-la como memória heroica, bem como tendo como objetivo defender este ou aquele valor.

Se abordarmos a história de vida dos senegaleses, haitianos e ganeses, as variações de sentido que elas exprimem e as múltiplas facetas que elas evocam de seus percursos, as falas, as representações, as identidades, ser e não ser, marcam o lugar entre as fronteiras que extrapolam os contornos geográficos, os preconceitos, as vivências e experiências, imaginários e simbologias do aprendizado imigrante.

Essas considerações fazem desta pesquisa uma pesquisa móvel, seja no sentido de trânsitos migracionais, seja no de movimento entre o dito e o não dito, aquilo que está postergado, seja, ainda, em relação ao conceito de “entrelugar” de Bhabha (1998) e Hall (2003), em que está presente a tensão entre o “global” e o “local”. Nesta pesquisa, verifica-se o entrelugar da cultura nas experiências históricas da imigração das diásporas senegalesas e principalmente haitianas. Conforme Bhabha (1998: 27):

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o “novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradução cultural. “Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético: ela renova o passado, reconfigurando-o como um “entre-lugar” contingente [...]”

As experiências migratórias de homens e mulheres podem contribuir para o entendimento do ser haitiano, senegalês e ganês; podem ajudar outras minorias étnicas que migram para o Brasil, com a memória descrevendo os processos de ajudar, aprender e viver

em um novo mundo, entre conflitos antigos e novos costumes. O entendimento de novas visões de sociedade evidencia as mudanças de natureza mutável, o que (res)significa as identidades no contexto migracional e as mudanças com o passar do tempo, tudo isso com a representação de ser imigrante. Rousso (1996: 95) argumenta que a memória pertence ao grupo; porém, sua transmissão é individual,⁴ de modo que a representação e a identidade de um grupo ou de um indivíduo podem retratar, entre outros aspectos, fatos comuns, valores, crenças, objetivos, experiências e saberes de um determinado local.

Segundo Assis e Campos (2009), a experiência migratória coloca indivíduos que migram em dois lados, em um processo de tradução de culturas, de viver entre dois lugares, com sua originalidade histórica e étnica marcada por uma obscuridade cognitiva e seu sujeito descentrado, pondo em questão os processos criados historicamente lá e que criam um campo de significados sobre estar aqui no Brasil e sobre ter deixado anseios e pessoas importantes “lá”.

Nossa “missão” como historiadores do tempo presente e como estudiosos da migração contemporânea é saber ouvir, precisar técnicas de se fazer entender, ou, ainda, a arte de fazer e a arte de dizer (CERTEAU, 2008), para que as fontes falem; não se está impondo algo, até porque ninguém está autorizado a falar por ninguém, mas sim criando estratégias e táticas, não aquelas que determinam fortes e fracos, mas aquela arte da ficção. Para Certeau, a história é ficção e imaginação porque trabalha com o outro, para que os interesses de produção envolvam tanto o entrevistador quanto o entrevistado, diferentemente de algumas representações sem contextualização que são feitas pela mídia e das quais tratarei mais adiante.

Se escrever é produzir um texto, a fonte oral é, também, uma prática discursiva que movimenta o tear do fazer os textos; o escrito e o oral se complementam, e juntos dão sentido a determinado objeto de estudo, mas jamais podem se confrontar. Para Halbwachs (1990), a memória não é quantidade e sim qualidade; nela podem estar contidas todas as representações de que um historiador poderá se utilizar, como as redes sociais aqui do Brasil e as que foram deixadas nos vários ambientes com que se trabalhou identitária, política e culturalmente, bem como os motivos que levaram haitianos, senegaleses e ganeses a migrarem para outros lugares e perspectivas.

⁴ O que, certamente, para o estudo de caso dos gêneros dos imigrantes, a torna plural, diversificada e mesclada.

Novos imigrantes: identidade e representações na imprensa caxiense

Como mencionado anteriormente, a historiografia sempre se prestou a estudar as i/e/migrações históricas e por isso deixou de lado os estudos e análises contemporâneas. No entanto, as transformações ocorridas nas últimas décadas com a presença dos franceses do Institut d’Histoire du Temps Présent (IHTP) abriram as portas para este tipo de história. As representações elaboradas pelos jornais não são neutras e estão carregadas de significados e ideologias e têm um lugar privilegiado por ter seu discurso “autorizado”, ou, segundo Chartier (1990: 16-17), por serem veículos de construção da realidade, que é pensada e dada a ler.

Portanto, essas representações são sempre forjadas pelos grupos que detêm o poder, estando, no dizer de Chartier, representadas e cristalizadas nas instituições que interpretam suas ideologias institucionais, sociais, culturais e religiosas — esta última no caso do jornal “Correio Riograndense” — e que perpetuam o que a sociedade e seus imaginários cultuam, dando sentido às suas vivências.

Na figura 1, na edição de 16 de maio de 2014 do jornal “Pioneiro”, de Caxias do Sul — vinculado à RBSTV, que é uma afiliada à Rede Globo de Televisão —, temos a seguinte manchete: “Abaixo o preconceito. Senegaleses e haitianos estão inseridos na comunidade de Caxias do Sul. Eles ocupam postos de trabalho, demonstram gentileza e não se envolvem em ocorrências policiais” (FINCO, 2014). Ainda que a notícia queira demonstrar uma boa perspectiva da “integração” de haitianos e senegaleses em Caxias do Sul, demonstra uma colocação no mínimo preconceituosa quando diz que “demonstram gentileza e não se envolvem em ocorrências policiais”, sendo que a matéria tem a pretensão de desvincular o preconceito que estes imigrantes receberam da sociedade caxiense.



Figura 1 – Representação dos novos imigrantes em Caxias do Sul (FINCO, 2014)

A noção de pessoas gentis que não se envolvem em ocorrências policiais dá a entender que estes imigrantes estariam superando as expectativas, já que não estão ocorrendo maiores “problemas”. Segundo Fanon (2008: 15): “O comportamento é frequentemente apresentado como ‘autenticamente’ negro [...] caso contrário seriam considerados inautênticos”.

Outra questão é referente ao emprego. Muitos desses imigrantes encontraram vários problemas para se inserirem no mercado de trabalho — dentre eles a língua e a não qualificação —, e isso pode ser percebido em outra manchete do jornal “Pioneiro”, de 2012, a qual afirma: “eles vieram em busca de emprego fácil” (PIONEIRO, 2012).

O imigrante é quase sempre representado como tal, não passa disso, é apenas uma força de trabalho que nunca será “habitante” ou futuro “habitante” de Caxias do Sul; ele está em estado “provisório”. E uma das formas de imposição é colocar no subtexto, ou nas entrelinhas, o imigrante como problema, e apenas defini-lo, pensá-lo ou representá-lo desta forma. Nesse sentido, o imigrante quando é representado em fontes jornalísticas aparece sempre estigmatizado e estereotipado, sendo assim, a história oral pode ser valiosa para os protagonistas da pesquisa e história que se quer contar, e que fora omitida pelas fontes que são gestadas pelos opressores.

O jornal “Correio Riograndense”, vinculado aos Missionários Scalabrinianos de Caxias do Sul, durante muitos anos foi (e ainda é) um grande responsável por cuidar e noticiar espiritualmente os imigrantes e descendentes de italianos que naquele estado (RS) estavam; o jornal tem uma representação de acolhida que é própria da Igreja Católica, mais ainda quando esta ordem religiosa e este jornal estão vinculados aos imigrantes. Em sua edição especial de setembro de 2013 (CORREIO RIOGRANDENSE, 2013), o jornal põe em evidência a fragilidade dos senegaleses e destaca as “questões legais” e a ajuda da Igreja Católica nessas questões, sobretudo a da irmã scalabriniana Idalina Pelegrini, que “Recebe em média dez haitianos por semana”. Diferentemente do jornal “Pioneiro”, o jornal “Correio Riograndense” tem uma visão mais realista dos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses em Caxias do Sul.

As representações da Igreja Católica feitas no jornal representam o ideal de uma sociedade que acolhe o desprotegido; mas neste caso é mais que isso: o discurso proferido neste jornal é parte integrante de suas alocações de afirmar sua supremacia e de certa forma conter o processo de perda de fiéis que vêm ocorrendo na sociedade brasileira. De certo modo, este jornal acaba por ser um canal privilegiado para demonstrar e afirmar a identidade

católica na cidade e, por sua vez, a identidade italiana, que estão muito associadas, como se pode verificar na figura 2.

Se o jornal “Correio Riograndense” tem uma visão mais humanitária, por outro lado ele acaba supervalorizando a identidade italiana, já que este jornal foi, durante muito tempo, responsável justamente por informar e manter os costumes morais e religiosos nas famílias dos imigrantes e descendentes e, ainda hoje, tem como característica ser portador deste discurso e manter o sentimento de italianidade entre os seus leitores, que são, em sua maioria, descendentes de italianos.



Figura 2 – A preservação da italianidade e da religiosidade nas páginas do jornal Correio Riograndense (GRIGOLO, 2010)

Dentre essas estratégias de manter uma identidade italiana ainda presente e que se faça sentir entre os seus leitores, transforma-se o texto “num mecanismo que deve, necessariamente, impor uma compreensão considerada legítima” (CHARTIER, 1992: 215). Se esta identidade parece ser a única legitimadora da cidade Caxias do Sul, por questões históricas, sociais e até mesmo econômicas, os novos imigrantes não têm, e não se veem, retratados em jornais locais. Suas representações são sempre vistas como problema.

Além dessas questões, a imigração recente tem colocado em cheque a cidade de imigração italiana, e determinados setores da comunidade caxiense têm visto com maus olhos essas novas de imigrantes — até mesmo setores da política expuseram seu descontentamento. Segundo Barth (1998: 197), os políticos exigem “[...] um conjunto de proscricções sobre as situações sociais que impeçam a interação interétnica em outros setores, isolando assim partes das culturas, protegendo de qualquer confronto ou modificação”.

Tornar essas histórias visíveis como foco central de minha pesquisa será de fundamental importância, a partir das experiências do movimento entre lugares e o entendimento do *locus* de pesquisa, em sua dimensão histórica e cultural.

Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson César de. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. **Tempo e Argumento**, v. 1, n. 2, p. 80-99, 2009.

AZZI, Riolando. **História da igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: terceira época: 1930-1964. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARTH, Fredrik; STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: v. 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

CORREIO RIOGRANDENSE. Edição especial, set. 2013. Disponível em:
<<http://www.correioriograndense.com.br/correio/edicoes/frame.php?edicao=377>> Acesso em:
08 jun. 2015.

FANON, Frantz; DA SILVEIRA, Renato. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, v. 3, n. 2, p. 314-32, 2002.

FINCO, Fabiano. Senegaleses e haitianos estão inseridos na comunidade de Caxias do Sul. **Pioneiro**. 16 maio 2014. Disponível em:
<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2014/05/senegaleses-e-haitianos-estao-inseridos-na-comunidade-de-caxias-do-sul-4502057.html>> Acesso em: 7 jun. 2015.

GRIGOLO, Eduardo. Nanetto davanti Sua Santità, Benedetto XVI. **Correio Riograndense**. Caxias do Sul, 15 dez. 2010. Disponível em
<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/Documentos/218?page=5&offset=40>> . Acesso em: 10 jun. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart et al. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Brasília: Unesco; Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, SP: Unicamp, 1996. Coleção “Repertórios”.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo, v. 10, dez. 1993.

PIONEIRO. Senegaleses que vivem em Caxias do Sul promovem confraternização. **Pioneiro**. 31 dez. 2012. Disponível em:
<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2012/12/senegaleses-que-vivem-em-caxias-do-sul-promovem-confraternizacao-3997566.html>> Acesso em: 8 jun. 2015.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: **Usos & abusos da história oral**, v. 4, 1996, p. 93-101.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 1999, p. 272-311.

TRAVERSO, Enzo. História y memoria. Notas sobre un debate. In: FRANCO, Marina; LEVÍN, Florencia (Orgs.). **Historia reciente**. Perspectivas y desafios para un campo en construcción. Buenos Aires: Paidós, 2007, p. 67-96.